

O HUMOR NA RÁDIO NACIONAL

Os programas humorísticos da Rádio Nacional alcançavam índices elevados de audiência, disputando a preferência dos ouvintes com as novelas e os musicais. Os humorísticos eram peças-chave na programação da emissora, tendo, até, projetado inúmeros atores e atrizes, que, ao longo da década de 1960, com o declínio do rádio, migraram para a televisão. Foram os casos, por exemplo, de Brandão Filho, Álvaro Aguiar, Luís Delfino e dos irmãos D'Ávila (Ema e Walter). O mesmo, é claro, se deu com produtores, diretores e redatores, que transplantaram para a TV os mesmos programas que faziam no rádio, como o *Balança mas não cai* e o *PRK-30*. Bem verdade que tal experiência não deu certo – e não deu porque os programas citados foram criados especialmente para o rádio, cuja linguagem não é a mesma que a da TV. Esta, mais adiante, na medida em que foi se consolidando, criou os seus próprios programas, que, nem de longe, tiveram (ou têm) o mesmo prestígio popular que os humorísticos radiofônicos tiveram na sua época.

A verdade é que os programas humorísticos da Rádio Nacional fizeram, com qualidade e inteligência, aquilo para o qual foram criados: divertir e alegrar os ouvintes. E é isso, nada mais, que explica a permanência de alguns deles por tantos anos no ar, sem qualquer abalo ou queda no seu prestígio. Muitos se tornaram não apenas uma referência do humorismo radiofônico, como do próprio humor como categoria e gênero de expressão humana.

Conscientes ou não, os programas humorísticos da Rádio Nacional (e não só os dela) podem ser caracterizados como uma espécie de crônica da vida cotidiana da população brasileira. Muitos dos quadros dos programas, mesmo sem qualquer re-



Alvaro Aguiar

ferência específica a isso, faziam uma forte crítica social, expondo as mazelas da sociedade brasileira. Era o caso, por exemplo, do diálogo entre os primos rico e pobre, do *Balança mas não cai*. Quando o primo rico diz, por exemplo, que “conversar com pobre é atraso de vida”, ou, ainda, que usa “queijo roquefort nas rateiras de minha casa” após ouvir o primo pobre dizer que “lá em casa estamos sem comida”, está expressando, com humor, um forte sentimento de desprezo ou de indiferença em relação aos miseráveis.

Em geral, os programas humorísticos da Rádio Nacional eram apresentados ao vivo, na presença de um público que lotava o auditório da emissora. Engana-se, contudo, quem pensa que a direção do programa transformava o palco num teatro, onde os atores representariam seus personagens. Nada disso. Na verdade, os humoristas formavam uma espécie de “cortina cômica”, um ao lado do outro, com o texto nas mãos, que liam na medida em que entravam em “cena”. Claro, os atores faziam caras, caretas e trejeitos, mas não iam além disso. O humor estava presente no texto – e na interpretação pela voz dos humoristas.

"Balança mas não cai"

De Max Nunes e Paulo Gracindo
(Direitos reservados para todo
o Brasil. Reprodução proibida)



EDIFÍCIO BALANÇA MAS NÃO CAI.

Programa humorístico que surgiu na Rádio Nacional, em substituição ao *PRK-30* (quando este se transferiu para a Rádio Tupi), escrito por Max Nunes e Haroldo Barbosa.

Fazia tanto sucesso que ia ao ar dois dias na semana: na sexta-feira, ao vivo; aos sábados, gravação do programa do dia anterior, antes do *Programa César Alencar*.

Trouxe muitas inovações: os quadros eram isolados, sem nenhuma ligação entre eles, a não ser o fato de que se passavam no mesmo prédio, o Balança mas não cai.

O programa, enfim, era uma crônica do cotidiano de um edifício, e entre os personagens que marcaram época estão os já citados Primo Rico e Primo Pobre (interpretados por Paulo Gracindo e Brandão Filho, respectivamente) e o Anão Zezinho (interpretado pelo ator Wellington Botelho).

Apesar de ser um programa de características eminentemente cariocas, tornou-se um sucesso nacional.